



Allomorphisms

Even though she formally alludes to postmodernity, in *The Face, Timeless Mask*, Balbina Mendes makes a point of not putting aside ancestry by reiterating its contribution in the *continuum* that is the artistic process. Thus, do I come across a series of painted screens that deny the mere anthropoid to, through the mask, represent more than human beings who here and beyond rehearse the divine. I look at the masks - enablers of different allomorphs - and I feel that their ritualistic character summons the magic and the hidden powers that struggle for an idea of permanence and concealment. Sheltered in them, the *personae* bring to present spiritual typologies vivified in the confrontations with time; I will not be surprised if, in an autonomous process, they reach the symbolic dimension and the assumption of different identities. Far from the Greek stereotypes, Balbina Mendes' masks deny Xenophanes' anthropomorphism to call the attention for universal emotions, as I mentioned before. There is in them a cathartic process and, concurrently, in this anthropocentric age, a call to human consciousness and to its place in the universe. Denying all the traditional fable, they show an anthropocentrism that can, in itself, establish connections, *cum libertatem*, with other non-human entities that support the dynamics of life and stimulate effective communication. With the human being standing out in the foreground, it protects itself behind a symbolic layer that, not infrequently, is its truth. This process of pretence gives the art of Balbina Mendes the practical ecumenism that enables a strong polysemous character. The pain of the fragmentation of self, in which the being watches its own representation, gains the tragicomic dimension on the other side of life. Mask, "an evil demon, covered with golden enamel" (Bertolt Brecht); a "fountain of honey / in the eyes of the Geisha / Kabuki" (Caetano Veloso)

Alomorfias

Mesmo que, formalmente, tanja a pós-modernidade, em *O Rosto, Máscara Intemporal*, Balbina Mendes faz questão de não pospor a ancestralidade reiterando o seu contributo no *continuum* que é o processo artístico.

Assim me deparo com uma série de telas que negam o mero antropóide para, através da máscara, representarem seres mais que humanos que aqui e além ensaiam o divino. Olho as máscaras - viabilizadoras das diferentes alomorfias - e sinto que o seu carácter ritualista convoca a magia e os poderes recônditos que lutam por uma ideia de permanência e de ocultação. As *personae* nelas resguardadas presentificam tipologias espirituais vivificadas nos confrontos com o tempo; não estranharei se, num processo autonómico, alcançarem a dimensão simbólica e a assumpção de diferentes identidades. Longe dos estereótipos gregos, as máscaras de Balbina Mendes negam o antropomorfismo de Xenófanes para, como atrás disse, alertarem para emoções universais. Há nelas um processo catártico e, concomitantemente, nesta era antropocénica, um apelo à consciência humana e ao seu lugar no universo. Negando todo o fabulário tradicional, evidenciam um antropocentrismo que pode, em si, estabelecer conexões, *cum libertatem*, com outros entes, não humanos, coadjuvantes da dinâmica da vida e estimuladores de eficaz comunicação. Assumindo o ser humano um primeiríssimo plano, protege-se por detrás de uma camada simbólica que, não raras vezes, é a sua verdade. Este processo de fingimento confere à arte de Balbina Mendes o ecumenismo prático viabilizador de um acentuado cariz polissémico. A mágoa da fragmentação do eu, em que o ser assiste à sua própria representação, ganha a dimensão tragicómica no outro lado da vida. Máscara, "um demónio mau, coberta a

esmalte dourado” (Bertolt Brecht); uma “fonte de mel / nos olhos da gueixa / Kabuki” (Caetano Veloso)! Interessantemente, este culto da ancestralidade ganha materialidade no óleo sobre tela, impresso no inovador plexiglass, que sugere as formas tridimensionais e as relações espaciais tradutoras quer de preocupações pessoais, quer de outras mais alargadas e universais. As camadas descascam-se e surgem múltiplas e inovadoras, em jeito de matrôscas, questionando: “Quantas máscaras cabem no teu rosto?” (Sâmara Santana Câmara). Cabe ao alomorfismo sugerir as várias faces de sugestões e ocultações poliédricas, mimar verdades e falsas verdades, perscrutar as outras faces do “eu”. Partindo de um acentuado revivalismo temático, Balbina Mendes, apoia-se na teoria institucional da arte (George Dickie) e persegue um enquadramento conceptual que corrobora a pluralidade e auto percepção do objecto estético. Vestígios surrealistas, neo-expressionistas, hiper-realistas... sem qualquer subserviência a estéticas mas implicitando-as, suportam o projecto de ancestralidade temático. Não há regras nem limites para a diversificação da arte, para os seus novos veículos, para os novos modos de expressão, para os novos contextos. Há sim um projecto alomórfico. Então, sem mais, “Depus a máscara, e tornei a pô-la” (Álvaro de Campos)

Interestingly, this cult of ancestry gains materiality in oil on canvas, imprinted on the innovative plexiglass, which suggests the three-dimensional forms and spatial relationships that translate either personal concerns or other broader and more universal ones. The layers peel and appear multiple and innovative, in the way of matryoshkas, questioning: “How many masks fit in your face?” (Sâmara Santana Câmara). It is up to allomorphy to suggest the various faces of polyhedral cues and occultations, to mime truths and false truths, to peer through the other faces of the “I”. Setting out from a striking thematic revival, Balbina Mendes relies on the institutional theory of art (George Dickie) and pursues a conceptual framework that corroborates the plurality and self-perception of the aesthetic object. Surrealist, neo-expressionist, hyper-realistic vestiges ... without any subservience to aesthetics but making them implicit, they support the project of thematic ancestry. There are no rules nor limits for the diversification of art, for its new vehicles, for new modes of expression, for new contexts. There is an allomorphic project, though. Then, without further ado, “I took off the mask, and then put it on again” (Álvaro de Campos).

Isabel Ponce de Leão

Professora na Universidade Fernando Pessoa
Professor at University Fernando Pessoa